24 de Janeiro de 1960 N.º 29

O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOUTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — **L. DE FIGUEIREDO** — Calçada das Lages, 6 — Lisboa
Redactores — **L. R. PEREIRA** — Quinta do Bacalhau — V. F. de Xira
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto
Administrador — **JOAQUIM DE PINA CABRAL** — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

MENSAGEM PARA UM ANO NOVO

NO princípio de um novo ano, bom é darmos balanço à nossa consciência cristã e meditarmos nos sábios conselhos de S. Paulo no capítulo XII da sua Epístola aos Romanos para despertarmos a uma maior consagração a Deus, em humildade e fidelidade no uso dos Seus dons, revelados por amor e com amor.

Entre esses conselhos e advertências, destacaremos as do versículo 11: «Não sejais vagarosos no cuidado: Sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor», *como apelo à diligência nos cuidados da administração dos talentos que o Senhor nos confiou, dentro ou fora da Igreja; como despertamento ao fervor das nossas devoções e actividades religiosas; como a dignidade de que nos revestimos quando O servimos.*

Que entendemos por «ano novo»? Será mais um período de vida para continuarmos apegados a usos, costumes e práticas que, por imperfeitas e até indignas, nós mesmos sabemos impróprias para uma vida cristã? Será mais um período da vida para continuarmos cobertos com vestidos velhos remendados com pano novo (Mat. IX, 11)?

Um novo ano que surge vem aumentar o peso dos anos que já temos e, por isso, torna-nos mais velhos na idade, mais próximos do fim duma vida terrena, quer esta seja breve ou longa em anos.

Entretanto, um ano a mais na idade pode ser, espiritualmente, um ano novo para nós, servindo ao Senhor com fervor e diligência. Para o Reino dos Céus não há velhos nem novos, como se classificam na terra. Os anos e até os séculos não contam. «Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus», *disse Jesus aos Seus discípulos, de diferentes idades, quando estes Lhe perguntaram qual deles seria o maior no Seu reino (S. Mat. XVIII, 3).*

Ao entrarmos em um novo ano que ele seja de facto e com verdade um ano novo em vida de santidade, justiça, paz e caridade, em nós e para o mundo.

Não sejamos vagarosos no cuidado das nossas almas, nem no cuidado das almas dos nossos vizinhos, parentes, amigos e até dos que connosco se congregam nos cultos de adoração e fé.

Sejamos fervorosos no espírito e na assiduidade às nossas devoções religiosas. A suposta indignidade de outros não seja motivo do nosso lugar na Igreja estar vazio, nem perturbe o nosso fervor espiritual quando ali nos encontrarmos. Vamos orar e adorar ao Senhor na plena certeza que Ele estará connosco se dois ou três ali estiverem reunidos em Seu Nome.

Servir ao Senhor não é favor que Lhe prestamos, é privilégio que o Seu grande amor nos concede. Assim o devemos compreender e sentir. Por isso Lho devemos agradecer e O devemos louvar.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós e todos os vossos amados, no ano novo que começa, tornando-vos diligentes no cuidado, fervorosos no espírito, servindo ao Senhor.

António Fiandor
BISPO

Actividades Episcopais

Durante o último quadrimestre do ano findo, o nosso venerando Bispo realizou, entre outros, os seguintes actos:

Ministrou a Confirmação a várias pessoas, nas Igrejas do Redentor e do Bom Pastor, celebrando em seguida a Sagrada Eucaristia.

Oficiou em dois casamentos.

Presidiu a uma reunião da Comissão Permanente do Sinodo e a duas reuniões do clero do Norte, tendo também tomado a presidência na reunião magna da União Portuguesa de Esforço Cristão (UPEC) que se realizou na A. C. M. do Porto em 24 de Outubro.

Acompanhado pelos Rev. Arbiol e Dr. Pina Cabral, conferenciou no Porto com o Rev.mo Crascke, Bispo de Gibraltar sob cuja jurisdição se encontram as capelanias inglesas de Lisboa, Porto e Funchal.

Oitavário pela Unidade da Igreja

De 18 a 25 do corrente celebra-se em todo o mundo e em todas as confissões cristãs, desde a Comunhão Romana até a vários agrupamentos congregacionalistas, o oitavário pela unidade da Igreja.

Fora da Comunhão Romana, patrocina calorosamente esta iniciativa o Conselho Mundial das Igrejas. E' seu animador, dentro da Comunhão Romana, o Padre Michalon, sucessor desse verdadeiro homem de Deus que foi o Padre Coutourier.

E' muito para lamentar que este oitavário tenha sido, em Portugal, para os oradores católico-romanos, oitavário de espancamento teológico dos que discordam de Roma, e de apelo à sugeição pura e simples à autoridade papal.

Quão diferente o espírito do P.e Coutourier e seus colaboradores! Ele orava e pedia que se orasse, para que a unidade fosse feita como e quando o Senhor da Igreja o quizesse. Ele não queria que se

(Cont. pág. 5)

NOTAS E COMENTÁRIOS

Hierarquia eclesiástica

A Igreja desde os tempos apostólicos, apesar do seu conceito filosófico duma igualdade sem precedentes na História, — «Todos vós sois irmãos» — «O que pensa ser o maior, seja como o que serve» — «Quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado» — marcou bem expressamente a hierarquia na sua organização eclesiástica.

Se o trabalho sacrossanto da Igreja é feito pelos homens, iguais perante Deus, que não faz acepção de pessoas, — irmãos, portanto, unidos no mesmo amor, — tem a diminui-lo a natural imperfeição humana. Foi por isto mesmo que no princípio da expansão do cristianismo aparecem bem vincadas as ordens eclesiásticas de bispo, presbítero e diácono. E mesmo ainda nos tempos apostólicos, S. Paulo nos fala «dos que presidem no Senhor» (I Tess. 5).

E' certo que todos os fiéis eram sacerdotes perante Deus em termos de igualdade, porém obedecendo a uma hierarquia que permitia a convergência de energias, a direcção de um plano. Evitava-se assim a perda de valores individuais e a dispersão da equipa, pelo tumultuar dos sentimentos e das paixões que desorientam os homens.

Nas epístolas de S. Paulo nunca se perde a noção da Igreja como a união de todos os crentes em Cristo como Seu Salvador e Mestre. Os homens porém perderam-na. E a história nos ensina que, invertendo as leis de Deus, centralizaram o poder absoluto em si, esquecendo-se que «o maior seja como o que serve». A Reforma da Igreja veio denunciar tal estado de coisas. A Igreja Lusitana, modelo de democracia cristã, mantendo as ordens apostólicas, e a hierarquia eclesiástica, é governada superiormente pelo Sínodo, onde representantes do povo estão em número de igualdade com os representantes do clero. A sua restauração em que apareceu como Igreja Reformada data de 1880. O seu primeiro Bispo consagrado, e o 3.º eleito, é o Rev.mo D. António F. Fiandor, cuja consagração se deu em Junho de 1958. Graças a Deus pelo seu Pastorado e pelo trabalho dos seus presbíteros e diáconos que, unidos a todo o povo, numa obra de conjunto, servem a Cristo e à Sua Igreja, procurando em oração e em humildade estar dentro do plano divino da Salvação a todos os homens de Boa Vontade.

Liberdade religiosa

O Conselho Mundial das Igrejas Reformadas, reunido em Genebra, em Novembro último, exorta todos os representantes das comunidades não romanas que tiverem de exprimir a sua opinião sobre o Concílio Ecuménico do Vaticano, anunciado pelo Papa João XXIII, a insistirem na questão da liberdade religiosa como um dos assuntos a ser ali discutido.

Pensa o referido conselho que será da maior importância, para o progresso das relações entre as diferentes Igrejas, que neste Concílio se fale claro sobre esta questão primordial em muitos países, onde a liberdade religiosa ainda não se concretizou.

Esperemos confiantes que as autoridades romanas aceitem esta sugestão. Mais um passo se dará certamente para a união de toda a Igreja, dentro da tolerância religiosa e do Amor fraternal entre todos os povos.

Dois seminaristas católico-romanos entrevistam um ministro da Igreja Lusitana

Em Portugal, país onde os protestantes têm vivido desconhecidos da Igreja dominante, ou mimoseados com palavras pouco lisongeiras, sem falar de pequenas cenas desagradáveis, principalmente em meio rural, que esperamos pertençam definitivamente à história, tem-se notado ùltimamente um interesse em nos conhecer por parte de certos e determinados meios católico-romanos.

Ainda não há muito tempo que em Lisboa, nas dependências tanto da Igreja Lusitana de S. Paulo, às Janelas Verdes, como da Igreja Católica da Encarnação, se juntava um grupo de católicos e protestantes que discutiam certos problemas em comum e oravam em uníssono a oração que Cristo nos ensinou.

Há dias também o Rev. Eduardo Moreira foi visitado na sua residência paroquial por dois seminaristas católico-romanos que lhe pediram uma entrevista sobre o movimento ecuménico. Declararam que desejavam publicá-la juntamente a outras entrevistas sobre o mesmo assunto, com um membro da Igreja ortodoxa e com personalidades católico-romanas, no jornal do Seminário «Novellae Olivarum» em um número especial dedicado ao Ecumenismo.

Campo de concentração

Em versos livres, cuja forma o autor justifica, procurando elevar, na arte poética, a música e a rima, transmite-nos o Snr. E. M. Perenoel, algo da sua alma que se despedaça perante um mundo em agonia cruciante. Mas em contraste com esta dor, liberta-o finalmente uma esperança viva. «Tu vieste, oh Cristo». Quebra-se o arame farpado, desaparecem as metralhadoras vigias, e o campo se sublima pelo Amor, doutrina máxima do Evangelho.

«No campo da vida,
no campo do mundo,
Vencido o marasmo,
A angústia vencida,
Oh que entusiasmo!
Achei o motivo
Da vida que vivo:
Já não me confundo
no campo do mundo».

Através este livro perpassa-se a ansiedade do Peregrino e o desejo de chegar ao descanso supremo, destino a que a luz de Cristo conduz.

Separados, mas irmãos

Apareceu nos prelos evangélicos um livro cujo autor o Rev. Francisco da Cruz — ex-padre romano e hoje pastor presbiteriano da Igreja da Madeira — nos faz sentir, num espírito largo e ecuménico, a necessidade de uma aproximação e de uma maior união não só entre os diferentes grupos evangélicos, mas principalmente entre católicos e protestantes. Eis alguns pedacinhos que não resistimos a transcrever: «A luta é contraproducente, porque os corações em vez de se sentirem atraídos são escandalisados». «O proselitismo que segue métodos semelhantes aos dos partidos políticos, afasta a alma dos homens estranhos ao cristianismo, que nele nada vêm, senão ambições humanas».

Ainda que sinta impossível, pelo menos por enquanto, uma união orgânica, crê numa aproximação entre as Igrejas separadas, através uma mudança de atitudes, uma justa compreensão das causas da separação, uma maior tolerância.

E dizemos nós: Seja qual for a nossa convicção sobre a realidade próxima ou longínqua duma união orgânica, actuemos activamente nestes princípios que o autor proclama com tanta sinceridade. Amemo-nos mais, aproximemo-nos com respeito mútuo, cooperemos naquilo em que pudermos cooperar. E neste caminho, Deus nos orientará no que no futuro devemos fazer.

Anti-semitismo

Uma nuvem veio escurecer novamente o céu da nossa esperança. Há anos num país da Europa, desta Europa civilisada, defensora da cultura e da supremacia do Homem como ente superior do Universo, se levantou uma onda de ódio contra o povo judaico, onda iracunda e criminosa.

Além dos sofrimentos horrorosos dos campos de concentração, foram assassinados 5 a 6 milhões de judeus pelas formas mais crueis, desde as câmaras de gaz, aos comboios fechados em que se apinhavam lá dentro o maior número possível de indivíduos, entre homens, mulheres e crianças e aí os deixavam morrer afixiados.

Anne Frank é um simples caso entre milhões. Anne Frank é um pálido símbolo da monstruosidade louca duma êpoca, que parecia ter passado... definitivamente. As demonstrações de arrependimento eram de tal ordem, que nos faziam crer que não seria possível, nem sequer por ligeiros e isolados casos, qualquer volta à anterior nevrose anti-semita.

Infelizmente, deixando a nossa alma em angústia e verdadeiramente perplexos, surgiu em vários lugares uma nova onda de ódio. Cruzes gamadas apareceram nos edifícios e sinagogas dos judeus, ao mesmo tempo que se lançavam ameaças de morte.

E' possível Senhor, a tão pouco tempo do que aconteceu, mais esta vergonha? O homem teima em viver afastado do Amor de Deus, descendo à mais aviltante condição de seres humanos, destituídos de aspirações anímicas. Que Deus se amerceie de nós!

Paulo Agostinho

O Ecumenismo em Portugal

As ideias, benéficas ou prejudiciais elas sejam, tarde vão chegando a Portugal, pela fatalidade das condições geográficas, nos tempos das montadas por caminhos ínvios, e da diligência ronceira, ou da mais recente mala-posta; e nos tempos modernos, com a utilização das ondas de Hertz, ainda pelo sentido colectivo que o atardamento de outrora provocou.

Ficamos «serôdios», por vezes com vantagem, outras vezes com lamentável prejuizo.

E' assim que a mensagem cristã entre nós marcou-se de início por poucas figuras primaciais e no fim se foi refugiar nas Asturias com o heroi Pelaio, ao desagregar-se essa civilização brilhante trazida pelos Arabes, que em Córdova, não aqui, tivera seu centro de expansão. A Braga sueva parece ter sido uma excepção local, e fugaz na história dos séculos.

A cultura hesitante de Carlos Magno e a arte dos trovadores provençais, diremos que mal afloraram aqui, se as compararmos com os centros da sua origem; e os Normandos, esses que vinham nas suas naus de corso, só nos arrasavam as terras e nos expoliavam os haveres.

Se dermos um salto grande, para a Pre-Reforma mais conhecida, e para a Reforma do século XVI, veremos quão pouco se sentiu entre nós o «lolardismo» dos nossos aliados britânicos; e depois, enquanto na vizinha Espanha um convento inteiro de freiras, muitas famílias distintas, professores universitários, até um inquisidor e talvez um príncipe real, aderem mais ou menos claramente à «nova fé», que era aliás a «fé antiga», em Portugal uns escassos duzentos processos de «luteranos» calculou o sr. Dr. António Baião existirem nos arquivos da tenebrosa Inquisição Portuguesa, empresa estranha de expoliação e «expurgação» que entre nós se atenuava.

Antes de definirmos o «ecumenismo», consideremos o que é a Reforma.

A Reforma Religiosa, històricamente assim chamada, era só um movimento entre muitos movimentos reformadores dentro do Cristianismo: — da Igreja Cristã, que, na sua essência, é uma só. As circunstâncias políticas e económicas deram àquela, na Alemanha e na Suiça, maior eficiência social. Ora, justamente, o mal-estar geral que aí produzia o «protesto negativo», dando força ao «protesto positivo» da Dieta de Espira, afirmador da verdade cristã expressa na Palavra de Deus, e queria que o seu ensino se libertasse da vasa dos séculos, trouxe um novo fenómeno explicável pela psicologia das multidões, o qual me tenho atrevido a classificar de «Ultra-Reforma». Surgia esta dos inconformistas por temperamento, dos entusiastas sem auto-domínio e dos «doentes de perfeição» que, ao fugir dos contactos de tolerância, caem no farisaísmo. O farisaísmo existiu tanto na Contra-Reforma como na Ultra-Reforma.

A Inquisição, movimento estranho ao sentimento nacional, como dizemos atrás, foi aqui uma sombra, aliás triste sombra da Inquisição espanhola. Lutou mais contra os ricos e activos hebreus, a quem despiu antes de queimar. No problema judaico era Simão de Monforte ou Torquemada; no problema luterano era pouco mais que Dom Quixote a esgrimir contra os moínhos.

Creio que com maior culpa da Contra-Reforma, seguiram lá fora os dois movimentos adversos, com a «guerra dos trinta anos» — uma geração! — multiplicando-se as seitas pela quebra do «vínculo da paz» do dizer de S. Paulo, intensificando os processos de combate que lhes eram impostos, pela negação da caridade, essência do Evangelho.

E um dia o mandato cristão trouxe-nos mensageiros da Justificação Jurídica, obra integral da cruz, que Jesus Cristo realizou, S. Paulo doutrinou e Santo Agostinho secundou. Mas esses consagrados mensageiros, que vinham separados na origem, em vez de unidos nos darem a luz branca deram-nos a luz refrangida nas cores do arco-iris.

Um povo pequenino, que devia a existência à conjugação de esforços defensivos e gozava a glória da expansão devido à posse de um alvo comum, retraiu-se. E em século e meio, se foi perdendo confiança nas tradições e nos preconceitos que alimentara, nem por isso ganhou crédito nas almas a fé aliás robusta e sincera que infeliz lhe aparecia revestida de trajos, estranhos e diversos linguagem nem sempre ade

No mundo cristão, entret divisibilidade abusiva dos r dos na liberdade de consciê atingindo o seu termo, e o mento do pêndulo, ao tocar ximo da esquerda, regressa nuado, em busca do centro e

Agora havia o expresso, o o carro aerodinâmico, as tra sões telegráficas, telefónicas, telepáticas, para o mundo i e também aqui chegou por mensagem ecuménica.

Como se define essa mens Em poucas palavras: que a visível ou invisível, da lib ou da autoridade, sacerdoti profetista, nunca ensinará manos a serem irmãos, a tere mesmo sentimento, a não se devorarem, enquanto aquel a compoem se não apresen não digamos uniformes mas denados, não uníssonos ma mónicos, não iguais mas ver ramente irmãos.

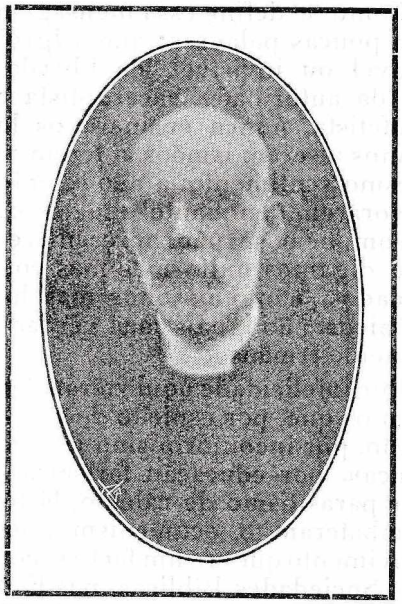
Por infelicidade aqui viera bém os que, por espírito de dição, por inconformismo «d cença», por educação farisa por parasitismo de cálculo, combateram o ecumenismo movimento que era um facto s nas Sociedades Bíblicas, nas las Dominicais federadas, nas Cristãs da Mocidade antes das ras mundiais, e agora tomava doutrinária mais evidente.

Digo «mais evidente» porq era inédita. Quando a Soci Bíblica Britânica se fundou, bendo ofertas de qualquer cristão, sem inquirir do seu ou confissão, e publicou e das versões bíblicas da Vulga incluindo os livros apócrifos dou-se também em Londres Sociedade, chamada «Bíblica nitária» porque afirmava ter a recebido contribuições de rianos. Esta só editou texto tidos das línguas originais sinal, de começo em más tradu apodando de «corruptas» a Padres Figueiredo, Glaire, nós, portugueses, recebemos milde e sofregamente, o auxí uma e de outra; porque aind nos tinham trazido o recado nova semântica, artificial, agora sucede, quando dão s falso ao vocábulo «ecuméni mesmo sucedia, e sucede

(Cont. pá

Rev. José Pereira Martins

Faleceu em Setúbal em 7 de Novembro de 1959, com 82 anos o Rev. José Pereira Martins, que foi durante 45 anos ministro da Igreja Lusitana do Espírito Santo, em Setúbal, desde 1907 a 1952, ano em que foi reformado devido à sua já combalida saúde. Organizou e paroquiou, a Igreja de Cristo Remidor em Alcácer do Sal, e igualmente a Missão dos Mártires da Fé, em Évora.



No seu tempo foi personalidade popular na cidade de Setúbal, onde era conhecido pelo «Padre Martins». Chegou a ser vereador da Câmara Municipal de Setúbal e procurador da antiga Junta Distrital de Lisboa. Trabalhador infatigável, chegava a ir a pé, numa distância de 50 km., a Alcácer do Sal para assistir ali aos crentes daquela vila. A sua pregação era entusiasta e cheia de ardor evangélico, e devidamente apreciada por todos que a escutavam. Conseguiu manter por algum tempo uma congregação viva e activa em Setúbal e outra ao mesmo tempo em Alcácer do Sal.

Havia nascido na freguesia da Vitória da cidade do Porto, em 12 de Julho de 1877. Foi pregador licenciado em 1903, estudante do Curso Teológico da Igreja Lusitana dirigido pelo Dr. John Harden (1903-1905), ordenado diácono em 1905 e presbítero em 1910.

Foi um dos fundadores dos mensários «A Luz e Verdade» do Porto, o «Bom Pastor» do Candal, e dirigiu desde 1905 a 1910 o «Arauto Cristão» de Setúbal.

Aos Leitores do "DESPERTAR"

Vive este Boletim, orgão de informação e doutrina, da generosidade dos seus leitores, sem outro rendimento que não sejam os seus donativos. Empreendimentos destes só podem viver se forem compreendidos por todos a quem servem. Se os nossos Amigos, mostrando Boa Vontade, contribuirem com uma pequena quantia, 2$50, 5$00 ou mais, por cada número que lhes é oferecido, não fariam sobrecarregar com deficits os que dão já o seu trabalho para que o Despertar possa sair de vez em quando e animar em suas casas os que com ele simpatizam. Bem hajam, pois, todos aqueles que nos queiram ajudar, cooperando assim com uma Obra de despertamento dentro da Igreja Lusitana.

Rev. João S.res de Carvalho

Por desejar dedicar-se mais ao jornal evangélico «Portugal Novo» de que é principal Redactor, deixou as lides do nosso Boletim o Rev. João Soares de Carvalho, que, durante alguns anos, aqui cooperou e serviu com o melhor entusiasmo e consagração. Sentindo a sua falta desejamos-lhe todavia no seu importante trabalho para a Igreja Reformada em geral, as mais ricas bençãos do Céu.

Durante o tempo em que era difícil iniciar-se um trabalho evangélico, em vista da forte reacção provocada nas populações ignorantes e mal informadas do que era a religião católica reformada, sofreu o Rev. Pereira Martins algumas perseguições, chegando mesmo a ser preso.

O Despertar sente o falecimento deste obreiro da nossa Igreja, últimamente já bastante doente, mas nunca deixando de assistir ao culto da Igreja de que tinha sido ministro. Foi fiel até à morte. «*Bem-aventurados os que dormem no Senhor*».

A propósito dum opúsculo

Recebi há semanas, enviado pelo meu velho Amigo Guido Oliveira, um opúsculo sobre a «Ceia do Senhor».

Naturalmente as interpretações que nele se encontram dos textos bíblicos eucarísticos, são diferentes das nossas. As do opúsculo seguem o critério adoptado por Zuínglio no Século XVI; a Igreja Lusitana mantem o sentido que a Igreja dos primeiros séculos deu àqueles textos.

Há porém dois pontos em que concordamos plenamente com o referido folheto:

O primeiro, é o lugar preeminente que o autor dá à «Ceia do Senhor» no culto Cristão. Os nossos Restauradores de 1880, embora deixassem à discrição do Pároco a frequência das celebrações, insistiram, no Livro de Oração, que na Igreja primitiva a Eucaristia se celebrava todos os Domingos. E' curioso que um dos grupos protestantes mais radicais, os chamados «Irmãos de Plimouth» desde o seu início há 100 anos, faz do «Partir do Pão» o seu mais importante culto dominical.

O segundo ponto, é a crítica feita aos pregadores das várias confissões cristãs, de quase sistemàticamente esquecerem a Segunda Vinda de nosso Senhor nos seus escritos e sermões.

A crítica é justa: de facto, quando nos lembramos que a «bem aventurada esperança» é mencionada tantas vezes no Novo Testamento (o autor dá números curiosos) não podemos deixar de reconhecer que é defeituosa do ponto de vista bíblico, a pregação que ignora tão magno, tão consolador, tão sempre oportuno assunto.

Felizmente que a Igreja Lusitana está, em parte, ao abrigo desta crítica. Não só na altura do Advento mas em vários Domingos do ano, lições indicadas e colectas ordenadas, fazem os fiéis recordar a Vinda gloriosa do Senhor; mais do que isso, cada vez que os Ofícios diários são recitados, cada vez que a Sagrada Eucaristia é celebrada, faz-se menção expressa, ao menos em dois ou três lugares na parte fixa desses ofícios, do Segundo Advento triunfante de Jesus.

E' esta uma das muitas vantagens da Liturgia: Aquilo que por negligência ou defeituosa formação teológica se olvida no púlpito, é-se obrigado a proclamar no genuflexório, no atril ou no Altar.

L. R. Pereira

ERRATA

No último número, na Mensagem Episcopal, lamentàvelmente, uma «gralha» veio deturpar o sentido de uma das frases. Pedimos desculpa aos nossos leitores, e especialmente ao Rev.mo Bispo D. António F. Fiandor. Ainda que fàcilmente se possa corrigir o êrro tipográfico, apresentamos devidamente corrigida a referida frase: «*Porém, uma atitude humilde sem fingimento, em sentimento de amor, de perdão e de fé cristã*».

Também em «Notas e Comentários» há a corrigir algumas «gralhas» como «*formas regidas*» em vez de «*formas rígidas*», e «*se forma um elo*» em vez de «*se forme um elo*».

...amentas necessárias

... Ministro da Economia, ... e apontou as «ferra- ...ssárias» para a realiza- ...ção da sua política industrial:

1.ª — DOUTRINA CLARA, para que acreditem em nós;

2.ª — COERÊNCIA DE ACÇÃO, para que tenham confiança;

3.ª — FIRMEZA NAS POSIÇÕES TOMADAS, para que nos respeitem.

Este quadro de princípios, tão bem definidos, serve-nos de base convincente para meditação acerca da «política» da Igreja Lusitana.

Primeiro, DOUTRINA CLARA, para que acreditem em nós.

A Igreja Lusitana tem uma doutrina distinta dentro da Cristandade Portuguesa. Pois bem, essa doutrina deve ser exposta com clareza e integridade, sem receio de que choque quem de antemão não esteja disposto a acolhê-la, nem medo de que expulse das nossas fileiras quem, afinal, nelas se encontra por engano. Se anunciarmos com precisão e nitidez a doutrina da Igreja, decerto ela muitos atrairá. Cremos que esta mensagem de catolicidade autêntica, com um piedoso respeito pelas tradições da Igreja Universal, e uma incandescente comunicação evangélica, não pode deixar de receber acolhimento generalizado. Acreditar-nos-ão. Mas nós temos que mostrar uma fé prática no valor intrínseco da nossa própria doutrina. *Seremos tolos em pensar que outros acreditarão, se nós não acreditarmos primeiro; que outros respeitarão a doutrina, se nós a mutilamos; que ela poderá subsistir ao serviço dos nossos filhos e dos nossos netos, se formos hesitantes na proclamação da totalidade dos seus princípios e na aceitação visível de todas as suas implicações.*

Depois, COERÊNCIA DE ACÇÃO, para que tenham confiança.

Tendo formulado com bastante clareza a mensagem da Igreja, deveremos ser coerentes na acção. Só assim conquistaremos confiança. As reservas mentais são antipáticas, afastam. Católicos romanos e protestantes tratarão connosco em termos de verdadeira confiança, conhecendo a nossa doutrina e a nossa indefectível vontade de agir em conformidade com ela. Somos o que somos, e como somos abrimos a todos o nosso coração, iluminado e aquecido pelo sol comum do amor de Cristo. As relações humanas exigem sinceridade e honestidade.

Por fim, FIRMEZA NAS POSIÇÕES TOMADAS, para que nos respeitem.

A Igreja Lusitana tomou posições no País, em geral, e entre as comunidades dissidentes de Roma, em especial. Essas posições não devem ser cedidas, mas salvaguardadas com muita firmeza. A preguiça, a fraqueza de ânimo, a ausência de ideal, de ideia-força, ou a cobardia perante a ameaça, a incompreensão e o ridículo — pedras que só os zoilos nos atiram — não podem entrar nas fileiras da Igreja.

Perante a corajosa firmeza de homens esclarecidos e coerentes, os outros homens acreditarão, terão confiança, e respeitarão.

D. Pina Cabral

Oitavário pela Unidade da Igreja

(Continuação da 1.ª pág.)

falasse em «regresso» dos «irmãos separados» mas sim no «avanço» de *todos* em Cristo e para Cristo. O encontro, (dizia ele) há-de fazer-se, não voltando *alguns* para traz, mas sim avançando *todos* por caminhos convergentes de santificação e amor fraternal. (1)

Às orações pela unidade que possuimos na nossa Liturgia, tanto na Oração da Tarde como na Eucaristia (Liv. de O. pgs. 36, 37, 85 e 87), bem podemos ajuntar nestes dias, aquela formosa e antiquíssima colecta do «rito da paz» da liturgia latina:

«O' SENHOR Jesus Cristo, que disseste aos teus Apóstolos, a minha paz vos deixo, a minha paz vos dou: não olhes para os nossos pecados mas para a fé da tua Igreja e concede-lhe paz e união de acordo com a tua vontade; tu, que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, sempre um só Deus por todos os séculos dos séculos. Amen».

De facto, se a desunião é um pecado, a cura desse mal encontra-se no arrependimento e na santificação.

(1) O programa pois, é orar em cada um dos dias sucessivamente, pelo arrependimento de todos os cristãos, pela *santificação* dos Católicos romanos, dos Ortodoxos, dos Anglicanos, dos Luteranos, dos Calvinistas, de todos os outros Evangélicos, e, finalmente, pela unidade de todos os homens na caridade e verdade de Cristo.

Calendário Eclesiástico

Janeiro

24 — 3.º Dom. dep. da Epifania. Liv. de Or. pg. 122. Cor lit.: Verde (Branco no Ofício vespertino).
25 — Conversão de S. Paulo. Liv. de Or. pg. 241. Cor lit.: Branco. Aniversário da I. de S. Paulo, Lisboa.
31 — 4.º Dom. dep. da Epifania. Liv. de Or. pg. 124. Cor lit.: Verde.

Fevereiro

2 — Purificação da B. V. Maria. Liv. de Or. pg. 243. Cor lit.: Branco.
7 — 5.º Dom. dep. da Epifania. Liv. de Or. pg. 125. Cor lit.: Verde.
14 — Dom. da Septuagésima. Liv. de Or. pg. 129. Cor lit.: Roxo.
21 — Dom. da Sexagésima. Liv. de Or. pg. 131. Cor lit.: Roxo.
24 — Dia de S. Matias Apóstolo. Liv. de Or. pg. 246. Cor lit.: Encarnado.
28 — Dom. da Quinquagésima. Liv. de Or. pg. 134. Cor lit.: Roxo.

Março

2 — Quarta-feira de Cinzas ou 1.º Dia de Quaresma. Liv. de Or. pg. 136. Cor. lit.: Roxo.
6 — 1.º Dom. da Quaresma. Liv. de Or. pg. 138. Cor lit.: Roxo.
8 — 80.º Aniversário da Restauração da Igreja Lusitana.
13 — 2.º Dom. da Quaresma. Liv. de Or. pg. 140. Cor lit.: Roxo.
20 — 3.º Dom. da Quaresma. Liv. de Or. pg. 141. Cor lit.: Roxo.
25 — Anunciação da B. V. Maria. Liv. de Or. pg. 248. Cor lit.: Branco.
27 — 4.º Dom. da Quaresma. Liv. de Or. pág. 143. Cor lit.: Roxo.

Abril

3 — 5.º Dom. da Quaresma ou Dom. de Paixão. Liv. de Or. pg. 146. Cor lit.: Roxo.
10 — Dom. de Ramos. Liv. de Or. pg. 148. Cor lit.: Roxo.
14 — Quinta-feira Santa. Liv. de Or. pg. 150. Cor lit.: Roxo (na celebração da Eucar., Branco).
15 — Sexta-feira de Paixão. Liv. de Or. pg. 157. Cor lit.: Preto.
17 — Dom. de Páscoa. Liv. de Or. pg. 163. Cor lit.: Branco.
24 — 1.º Dom. dep. da Páscoa. Liv. de Or. pg. 167. Cor lit.: Branco (Encarnado no O. vespertino).
25 — Dia de S. Marcos Evangelista. Liv. de Or. pg. 249. Cor lit.: Encarnado.

Sermões de 5 minutos

Pelo Rev. AGOSTINHO ARBIOL

«Digo-vos que nem ainda em Israel tenho achado tanta fé» (S. Lucas 7: 9).

A Paz de Deus seja convosco.

O centurião de Cafarnaum foi o primeiro gentio do evangelho que aceitou o cristianismo. Foi tão evidente a sua fé que Nosso Senhor Jesus Cristo a classificou de superior à dos seus próprios discípulos.

Sendo natural duma terra pagã, não recorreu aos deuses para curarem o seu criado. A estima que por ele sentia revelava a nobre natureza do seu carácter em contraste com a maior parte dos grandes senhores para quem o bem estar dos subordinados não contava nem merecia que dele se ocupassem. Alem disso construiu para os judeus uma sinagoga pelo que gozava da parte destes a mais alta consideração e respeito. Quem ergue uma Igreja, levanta bem alto o padrão da sua fé. Quem é crente e tem recursos materiais ergue um templo ao Senhor quando mais não seja pelo menos no seu coração. Quem não é crente acha que são muitos os que existem e desejaria que alguns, senão todos, fossem destruídos e levantados em seu lugar hospitais e escolas. Falsa pretensão de altruismo, porque Igrejas, hospitais e escolas são instituições de resultados e utilidades afins. Se no hospital se curam os doentes do corpo, na Igreja curam-se os doentes da alma. Quantas vezes a Igreja com a moral que ensina evita tantas espécies de doenças físicas! Foi na Sinagoga construida por este centurião que Nosso Senhor Jesus Cristo tantas vezes entrou e tantos milagres operou! O centurião não podia deixar de contemplar alguns deles e de se render à evidência do amor e poder de Jesus. Foi por isso que lhe rogou que curasse o seu criado dizendo que bastaria uma palavra sua, sem mesmo se aproximar do doente, para que ficasse são. «Sim, dize uma só palavra e será o bastante, porque assim como os meus soldados fazem o que eu lhes ordeno, assim também as forças da natureza obedecerão às tuas ordens e farão o que tu queres!» Foram estas palavras que arrancaram dos lábios de Nosso Senhor a declaração: «Nunca em Israel vi tanta fé».

Na verdade a sua fé era maior do que a de Jairo, príncipe da sinagoga, cuja filha estava à morte, e rogou a Jesus que fosse a sua casa e impuzesse as mãos sobre ela para ficar boa. Muitos como ele tinham fé nas mãos de Jesus e não os podemos censurar porque se costuma dizer, de quem é bom, que tem o coração nas mãos. O centurião, pelo contrário, diz a Jesus: Uma só palavra tua basta para curar o meu criado porque *eu não sou digno de que entres em minha casa.* Ele considerava-se pecador, indigno da presença de Jesus como Pedro que, após a pesca milagrosa, também disse a Jesus: «retira-te de diante de mim, Senhor que sou um homem pecador» (S. Lucas 5: 8) e Zaqueu que já considerava grande honra poder ver Jesus do tôpo duma árvore (S. Lucas 19: 5).

O pecador que se julga indigno da presença de Jesus é aquele que mais depressa a terá e melhor a poderá gozar porque o conhecimento da culpa é o primeiro passo para o perdão. «Eu não sou digno de que entres em minha casa» disse o centurião. E quem o é? Pelos seus próprios merecimentos ninguém se salvará. O pecador que acha Jesus, acha-se a si mesmo e sabe para onde vai porque divisa novos e felizes horizontes na sua vida! Jesus não escolheu santos, mas sim pecadores para a grande missão de evangelizar o mundo!

A Igreja é formada de pecadores que foram remidos pelo precioso sangue de Jesus Cristo e se tornaram santos porque se separavam do mal e se consagraram inteiramente ao bem com os olhos no seu Salvador, dizendo de todo o coração: «Nada do eu, tudo de ti». Estes são todos aqueles que começaram por reconhecer a sua indignidade como o centurião dizendo: «não sou digno de que entres em minha casa», e como o filho pródigo, de regresso ao lar, dizendo ao pai: «não sou digno de ser chamado teu filho; faze de mim como um dos teus jornaleiros» (S. Lucas 15. 19) e acabaram por ser chamados filhos de Deus e gozar as regalias que essa condição lhes outorga.

A Igreja Lusitana consagra tão reverentemente esta confissão que a observa no sacramento da Sagrada Comunhão quando o presbítero, ajoelhado à Mesa do Senhor, diz em nome dos que vão comungar: «O' Pai misericordioso: não somos dignos de ser chamados teus filhos e de vir à tua presença». Não é na verdade pelos nossos merecimentos ou dignidade que temos acesso à Mesa do Senhor ou jus à sua presença, mas porque confiamos na Sua misericórdia e porque somos unidos pelos laços indissolúveis do amor a Seu Filho Jesus Cristo que nos remiu pelo Seu precioso sangue na Cruz do Calvário.

Reunião da Comissão Permanente do Sínodo da Igreja Lusitana

Sob a presidência do Rev.mo Bispo D. António Ferreira Fiandor, realizou-se no dia 31 de Outubro numa das dependências da Igreja de S. João Evangelista, no Torne — Vila Nova de Gaia a reunião da Comissão Permanente do Sínodo da Igreja Lusitana. Da respectiva agenda constavam, entre outros, os seguintes assuntos:

a) Estudo do projecto da Nova Constituição da Igreja Lusitana que deverá ser apresentado ao próximo Sínodo;

b) Fixação da data de 6, 7 e 8 de Dezembro para o referido Sínodo que será realizado no Porto;

c) Elaboração da agenda pelo clero do norte que para esse fim reunirá no dia 17 de Novembro;

d) Pastorado das Igrejas do Espírito Santo e Cristo Remidor, respectivamente em Setúbal e Alcácer do Sal;

e) Aproveitamento de terrenos para construções em Setúbal e Vila Nova de Gaia;

f) Preparação de obreiros para a Igreja Lusitana;

g) Nova forma de elaboração da agenda para futuras reuniões da Comissão Permanente.

Nota — Havia mais alguns assuntos que, por decisão unânime, passam a constar da agenda do Sínodo.

Sínodo da Igreja Lusitana

Por motivo da esposa do Rev.mo Bispo ter entrado para o hospital da Ordem do Carmo para ser submetida a nova operação, a reunião do Sínodo ficou adiada para nova oportunidade.

Números Curiosos

Ouve-se tanto falar, quer a Católicos Romanos quer a Protestantes mais ou menos «avançados», na decadência da Igreja de Inglaterra (a Igreja constituída pelas Províncias de Cantuária e de Iorque da Comunhão Anglicana), que não resistimos a citar algo publicado no «Church Times» de 8 do corrente:

Cerca de *14.775* pessoas ingressam anualmente na Igreja Nacional Inglesa vindos de outros agrupamentos religiosos; este número inclui *3.480* vindos anualmente *da Comunhão Católica Romana.*

Estes números baseiam-se em informes colhidos durante três anos recentes e foram publicados pelo «Anuário Oficial da Igreja de Inglaterra» relativo a 1960.

A mesma publicação, que é redigida com a honestidade e cuidado que caracterizam esta espécie de trabalhos na Igreja inglesa, informa ainda que apenas cerca de 800 anglicanos transitam por ano para a Comunhão Romana, o que dá bom saldo a favor da Igreja Católica Reformada na Grã-Bretanha.

À luz deste e doutros factos, algumas conclusões se impõem.

A primeira, é que os tão falados progressos romanos em Inglaterra estão longe de significar o que à primeira vista poderiam fazer crer; eles são devidos, em maior parte, à imigração de irlandeses e de outros, provenientes de regiões Católicas Romanas, que vêm fixar-se em Inglaterra por motivos vários, do que a conversões.

A segunda conclusão, é que a «Via Média Anglicana», está a exercer atracção crescente sobre os que procuram resolver o seu problema religioso, não à base da emoção ou do abandono cego a qualquer autoridade humana, mas sim firmados na razão, esclarecida pela revelação divina e belo consenso da Igreja indivisa dos primeiros séculos.

A posição Anglicana, quer do ponto de vista doutrinal quer do eclesiológico, tem-se de facto afirmado mais «Via Média» do que nunca, visto que mais do que nunca também, os que nela valorizam a herança católica, os que nas suas fileiras proclamam a mensagem evangélica e os que no seu meio representam a corrente liberal, longe de se anatematizarem, se completam e mùtuamente se influenciam.

Esta atitude que nem é «meio termo», nem é «extremo», mas sim toda compreensão e tolerância, não pode deixar de atrair pessoas de bom senso e de espírito largo, pessoas que «pensam e... deixam os outros pensar».

A terceira conclusão que se nos apresenta deste volumoso rumo anual para o anglicanismo, é a de que este se mostra com nitidez crescente como o grande ponto de encontro futuro entre a cristandade não reformada e as várias confissões evangélicas.

Se virmos bem, a marcha para esse encontro já se desenha nítida, embora por enquanto muito lenta.

Do lado Protestante, ela é representada pela volta à liturgia tradicional e um novo interesse na Igreja Universal como sociedade visível.

Do lado Romano, ela é constituída por esse verdadeiro movimento de reforma que é o Movimento Litúrgico e pelo renovamento bíblico, que até já *começa* em Portugal, fomentado principalmente pelas edições bíblicas populares dos Padres Capuchinhos (1).

Embora a posição da Igreja Lusitana fosse, com grande clarividência, designada análoga à das Igrejas da Comunhão Velho-Católica pelos Bispos reunidos em Lambeth em 1958, nós Luso-Católicos, devemos muito ao anglicanismo. Por esse motivo, não podemos senão alegrar-nos com os números publicados no Anuário da Igreja de Inglaterra e com aquilo que eles representam.

L. R. Pereira

(1) Longe, bem longe de nós a ideia de menosprezar o admirável trabalho das Sociedades Bíblicas em Portugal, mas estamos a falar de algo que se passa com C. R. praticantes e estes não podem ler as edições não aprovadas por Roma ou... deixam de ser praticantes.

O Ecumenismo em Portugal

(Continuação da pág. 3)

fora, com as palavras «maçónico», «protestante» e «comunista» com que nos mimoseiam, tantos sem saber o que dizem.

O nosso povo e os nossos obreiros pouco se têm preocupado com o estudo da História do Dogma. Actuam mais por sentimento. Exemplos: mais dum pregador oriental foram recebidos entre nós, apesar das doutrinas das respectivas confissões que mal se conheciam. Um deles, Marcos Jorge Daniel, era arménio, isto é, negaria oficialmente a existência de duas naturezas em Jesus Cristo. Pregou quanto quis, levou colectas «para os perseguidos»; e soube-se depois que era um excluido da sua Igreja e um impostor. O mesmo se deu, anos depois, com outro oriental, recebido na Igreja Católica Romana, que em S. Domingos, em Lisboa, celebrou missa com pão fermentado, por licença expressa das autoridades eclesiásticas, e só mais tarde se soube que era um impostor também. O peor era isso!

Povo hospitaleiro, o nosso, que mais depressa recebe as pessoas que os ideais. Quem jamais se preocupou com a crença monofisita da Igreja do grande benemérito Gulbenkian? Por nossa parte, pelo testemunho da sua enfermeira metodista, sabemos que morreu piedosamente, confiando nos méritos de Cristo. Que mais importa?

Pois bem: o ecumenismo em Portugal vai sendo lentamente compreendido por uns e violentamente combatido por outros. Os que o combatem invocam a obediência a Deus e a pureza do Evangelho; os que o compreendem invocam a mesma obediência ao pensamento divino, de amor para com todos, e a pureza do mesmo Evangelho, que é amor e respeito para todos.

Por enquanto, a semana de oração dos evangélicos é um movimento ecuménico que necessita, para produzir seu efeito, de ser acompanhado de actos e atitudes correspondentes às palavras de fraternidade que diante de Deus são proferidas.

O pedido mútuo de auxílio material nem sempre entre nós se desenvolve num ambiente de mútua compreensão, e o mais que se tem conseguido é um silêncio de neutralidade nas nossas instituições interconfessionais; e achamos ser melhor esse silêncio que uma incompreensão expressa — e mal expressa.

Torna-se necessário educarmo-nos, todos, no espírito de caridade prática de Aquele que, na parábola do «Bom Samaritano» escolheu um «herege» para confundir os fariseus, sacerdote e escriba, que passavam distantes do ferido e roubado nas estradas deste mundo.

Eduardo Moreira

24 de Janeiro de 1960 N.º 29

O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOUTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — **L. DE FIGUEIREDO** — Calçada das Lages, 6 — Lisboa
Redactores — **L. R. PEREIRA** — Quinta do Bacalhau — V. F. de Xira
A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto
Administrador — **JOAQUIM DE PINA CABRAL** — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia
Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

MENSAGEM EPISCOPAL

MENSAGEM PARA UM ANO NOVO

NO princípio de um novo ano, bom é darmos balanço à nossa consciência cristã e meditarmos nos sábios conselhos de S. Paulo no capítulo XII da sua Epístola aos Romanos para despertarmos a uma maior consagração a Deus, em humildade e fidelidade no uso dos Seus dons, revelados por amor e com amor.

Entre esses conselhos e advertências, destacaremos as do versículo 11: «Não sejais vagarosos no cuidado: Sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor», *como apelo à diligência nos cuidados da administração dos talentos que o Senhor nos confiou, dentro ou fora da Igreja; como despertamento ao fervor das nossas devoções e actividades religiosas; como a dignidade de que nos revestimos quando O servimos.*

Que entendemos por «ano novo»? Será mais um período de vida para continuarmos apegados a usos, costumes e práticas que, por imperfeitas e até indignas, nós mesmos sabemos impróprias para uma vida cristã? Será mais um período da vida para continuarmos cobertos com vestidos velhos remendados com pano novo (Mat. IX, 11)?

Um novo ano que surge vem aumentar o peso dos anos que já temos e, por isso, torna-nos mais velhos na idade, mais próximos do fim duma vida terrena, quer esta seja breve ou longa em anos.

Entretanto, um ano a mais na idade pode ser, espiritualmente, um ano novo para nós, servindo ao Senhor com fervor e diligência. Para o Reino dos Céus não há velhos nem novos, como se classificam na terra. Os anos e até os séculos não contam. «Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus», *disse Jesus aos Seus discípulos, de diferentes idades, quando estes Lhe perguntaram qual deles seria o maior no Seu reino (S. Mat. XVIII, 3).*

Ao entrarmos em um novo ano que ele seja de facto e com verdade um ano novo em vida de santidade, justiça, paz e caridade, em nós e para o mundo.

Não sejamos vagarosos no cuidado das nossas almas, nem no cuidado das almas dos nossos vizinhos, parentes, amigos e até dos que connosco se congregam nos cultos de adoração e fé.

Sejamos fervorosos no espírito e na assiduidade às nossas devoções religiosas. A suposta indignidade de outros não seja motivo do nosso lugar na Igreja estar vazio, nem perturbe o nosso fervor espiritual quando ali nos encontrarmos. Vamos orar e adorar ao Senhor na plena certeza que Ele estará connosco se dois ou três ali estiverem reunidos em Seu Nome.

Servir ao Senhor não é favor que Lhe prestamos, é privilégio que o Seu grande amor nos concede. Assim o devemos compreender e sentir. Por isso Lho devemos agradecer e O devemos louvar.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós e todos os vossos amados, no ano novo que começa, tornando-vos diligentes no cuidado, fervorosos no espírito, servindo ao Senhor.

António Fiandor
BISPO

Actividades Episcopais

Durante o último quadrimestre do ano findo, o nosso venerando Bispo realizou, entre outros, os seguintes actos:

Ministrou a Confirmação a várias pessoas, nas Igrejas do Redentor e do Bom Pastor, celebrando em seguida a Sagrada Eucaristia.

Oficiou em dois casamentos.

Presidiu a uma reunião da Comissão Permanente do Sinodo e a duas reuniões do clero do Norte, tendo também tomado a presidência na reunião magna da União Portuguesa de Esforço Cristão (UPEC) que se realizou na A. C. M. do Porto em 24 de Outubro.

Acompanhado pelos Rev. Arbiol e Dr. Pina Cabral, conferenciou no Porto com o Rev.mo Crascke, Bispo de Gibraltar sob cuja jurisdição se encontram as capelanias inglesas de Lisboa, Porto e Funchal.

Oitavário pela Unidade da Igreja

De 18 a 25 do corrente celebra-se em todo o mundo e em todas as confissões cristãs, desde a Comunhão Romana até a vários agrupamentos congregacionalistas, o oitavário pela unidade da Igreja.

Fora da Comunhão Romana, patrocina calorosamente esta iniciativa o Conselho Mundial das Igrejas. E' seu animador, dentro da Comunhão Romana, o Padre Michalon, sucessor desse verdadeiro homem de Deus que foi o Padre Coutourier.

E' muito para lamentar que este oitavário tenha sido, em Portugal, para os oradores católico-romanos, oitavário de espancamento teológico dos que discordam de Roma, e de apelo à sugeição pura e simples à autoridade papal.

Quão diferente o espírito do P.e Coutourier e seus colaboradores! Ele orava e pedia que se orasse, para que a unidade fosse feita como e quando o Senhor da Igreja o quizesse. Ele não queria que se

(Cont. pág. 5)